



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS**

**“QUE ADIAR A FORMATURA O QUÊ, JÁ TÔ ENTREGANDO O TCC”: UM
ESTUDO SOBRE AS CONSTRUÇÕES [QUE MANÉ X], [QUE X O QUÊ] E
[QUE X QUE NADA] DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.**

Paula Sasse Da Rocha

Rio de Janeiro
2021

PAULA SASSE DA ROCHA

“QUE ADIAR A FORMATURA O QUÊ, JÁ TÔ ENTREGANDO O TCC”: UM
ESTUDO SOBRE AS CONSTRUÇÕES [Que Mané X], [Que X O QUÊ] E [QUE
X QUE NADA] DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.

Monografia submetida à Faculdade
de Letras da Universidade Federal
do Rio de Janeiro, como requisito
parcial para a obtenção do título de
Licenciado em Letras na habilitação
Português/Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Diogo Oliveira Ramires Pinheiro

RIO DE JANEIRO
2021

CIP - Catalogação na Publicação

R672" Rocha, Paula Sasse da
"Que adiar a formatura o quê, já tô entregando o tcc": um estudo sobre as construções [Que Mané X], [Que X o quê] e [Que X que nada] do português brasileiro / Paula Sasse da Rocha. -- Rio de Janeiro, 2021.
40 f.

Orientador: Diogo Oliveira Ramires Pinheiro.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em Letras: Português - Inglês, 2021.

1. Linguística. 2. Gramática de Construções. 3. Modelos Baseados no Uso. I. Pinheiro, Diogo Oliveira Ramires, orient. II. Título.

Agradecimentos

Primeiramente, tenho que agradecer à minha família que sempre me apoiou e acreditou em mim. Em especial, meus agradecimentos à minha mãe, que secou minhas lágrimas, dividiu meus pesos e me aconselhou tanto. À Gabriela, com quem dividi angústias e risadas, que sempre me desafiou e me ensinou a ser uma pessoa melhor. Ao Paulo, com quem dividi tantas leituras e questionamentos. À Natália, obrigada pelas alegrias e por compartilhar a maravilha que é ser criança.

Tenho que destacar o papel das maravilhosas amizades que tenho dentro e fora da UFRJ. À Juliana, minha amiga há tantos anos, com quem compartilhei diversos sonhos que foram se modificando, momentos incríveis e também os ruins, que nos uniram mais ainda. À Brenda e a Marcela que me acolheram desde o primeiro dia nessa faculdade e que me acompanharam nessa jornada que foi me formar. Obrigada pelos estresses, pelas risadas e pelos pastéis compartilhados. Às duas adições desse trio, Bia e Ingrid, que trilharam comigo esses últimos anos. Não posso esquecer as pessoas incríveis que a linguística trouxe para a minha vida, Brendha, Clara, Sara e Daiane, as Winx, entre tantos outros com quem aprendi muitas lições e compartilhei frustrações.

Tenho que agradecer também a todos os participantes do LinC e a todos os colegas de pesquisa, por construírem em conjunto tantos trabalhos dos quais tenho orgulho de ter participado e visto o desenvolvimento. Obrigada aos professores Lilian Ferrari e Diogo Pinheiro, que me acolheram e me incentivaram tanto durante a minha participação nesse grupo maravilhoso. Ao Diogo, que foi o professor da minha primeira aula na faculdade, me apresentou a linguística e mudou o rumo da minha vida acadêmica. Não tenho palavras para descrever como sou grata pelo acolhimento, pelo incentivo e por todas as oportunidades que você me ofereceu, muito obrigada.

Por fim, quero agradecer a UFRJ e todos que a compõem pela oportunidade de ter percorrido essa jornada e por ter sido tão feliz nessa universidade. Obrigada a todos os colegas, professores e trabalhadores da Faculdade de Letras por possibilitarem a minha experiência dentro dessa instituição e pela minha formação

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	6
2.	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	9
2.1.	Princípios básicos da Gramática de Construções Baseada no Uso.....	9
2.2.	Princípios Psicológicos de Organização do Conhecimento Linguístico.....	11
2.3.	Máximas e Implicaturas Conversacionais.....	15
2.4.	Estrutura Informacional: proposição, pressuposição e asserção.....	18
3.	METODOLOGIA.....	20
4.	PROPRIEDADES COMPARTILHADAS E PROPRIEDADES ESPECÍFICAS DAS CONSTRUÇÕES.....	23
4.1.	Descrevendo as construções em foco.....	23
4.1.1.	O Polo da Forma.....	23
4.1.2.	O Polo do Significado.....	25
4.2.	A motivação das propriedades formais.....	30
4.3.	Diferenciando as construções.....	36
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

1. Introdução

As expressões idiomáticas, ou *idioms*, são de grande importância na linguística. Essas construções foram centrais nas críticas que o modelo gerativista passou a sofrer a partir dos anos 1980 (KAY, 1984; FILMORE, 1985) e, por isso, historicamente, foram responsáveis pela emergência do modelo conhecido como Gramática de Construções. Isso porque, embora apresentem significado que não é dedutível a partir das palavras que as compõem, elas podem ser produtivas, ou seja, vão além das expressões fixas e preenchidas como “Chutar o pau da barraca” ou “Encher linguiça”. Esse tipo de expressão se apresenta um problema para o modelo gerativista pois não se encaixa no léxico, ou seja, na lista de palavras que constitui a língua, nem nas regras que são aplicadas ao léxico para formar sentenças. Elas apresentam características típicas do léxico e outras típicas de regras, de modo que não são facilmente acomodadas pelo modelo.

Por impulsionarem a criação da Gramática de Construções, teoria que surgiu nos Estados Unidos, elas foram muito estudadas na língua inglesa, temos exemplos como “let alone” (KAY; FILMORE; O’CONNOR, 1988) e “XYZ” (FALCONIER, 2002). Porém, estudos construcionistas sobre idiomatismos sintáticos são menos comuns no português brasileiro¹, principalmente quando se trata de construções que não são completamente preenchidas.

A fim de contribuir para reduzir essa lacuna, escolhemos trabalhar com três construções idiomáticas do português brasileiro: [Que Mané X], [Que X que nada] e [Que X o quê]. As sentenças abaixo ilustram o emprego dessas construções:

(1) Que mané terminar a faculdade, ainda tenho várias matérias para fazer.

(2) Que sair de casa o quê tô fazendo isolamento social.

¹ Existem algumas exceções, como o estudo da construção “um monte de SN” (ALONSO; FUMAUX, 2017).

- (3) Que eleição que nada, a gente mal tem uma democracia nesse país.

Aqui assumimos que tais construções fazem parte de uma grande família construcional, à qual nos referimos como Família de Construções Idiomáticas Semipreenchidas de Rejeição Enfática. Denominamo-as assim pois elas são construções idiomáticas, o que significa que o seu significado vai além da soma dos significados dos itens que as constituem; são semipreenchidas, ou seja, apresentam elementos fixos como “Que”, “Mané” e “nada”, mas também apresentam um *slot* (X) que pode ser preenchido com incontáveis palavras e orações; expressam rejeição enfática, isto é, costumam ocorrer em contexto de interação, como respostas negativas enfáticas ao que foi proposto anteriormente, como é possível observar em (1), em que o falante rejeita a ideia de que terminará a faculdade por ter muitas matérias ainda por fazer. Tal ideia será desenvolvida ao longo deste trabalho.

Neste estudo temos três objetivos principais. O primeiro é descrever as três construções escolhidas sob a ótica da Gramática de Construções e, em particular, da variante cognitivo-funcional da GC, conhecida como Gramática das Construções Baseada no Uso (GCBU). Os outros dois objetivos se relacionam com a verificação de dois dos Princípios Psicológicos de Organização do Conhecimento Linguístico de Goldberg (1995): o Princípio da Motivação Maximizada e o Princípio da Não-Sinonímia. Desse modo, traduzimos esses três objetivos em três perguntas de pesquisa: (i) quais são as propriedades formais e semântico-pragmáticas das construções em foco?; (ii) qual a motivação por trás das propriedades formais das construções [Que Mané X], [Que X que nada] e [Que X o quê]?; e (iii) quais são as distinções semântico-pragmáticas entre as três construções estudadas?

Para tentar responder tais questões, este trabalho apresenta a estrutura que se segue. No próximo capítulo serão apresentados os pressupostos teóricos, em que discutiremos sobre os princípios da Gramática de Construções Baseada no Uso, os Princípios Psicológicos de Organização do Conhecimento Linguístico (GOLDBERG, 1995) e conceitos da Pragmática relevantes para a pesquisa. No terceiro capítulo, apresentamos a metodologia usada para a coleta e análise dos dados. Em seguida, no capítulo 4,

apresentamos a análise das construções em pauta, com as respostas que propomos para cada uma das nossas perguntas de pesquisa. Por fim, no capítulo 5 sintetizamos os principais achados e ponderamos sobre os possíveis desenvolvimentos do trabalho.

2. Pressupostos Teóricos

Neste capítulo, serão explorados fundamentos da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), quadro teórico em que esta pesquisa se insere. Além disso, trataremos de alguns conceitos de Pragmática: as Máximas e as Implicaturas Conversacionais (GRICE, 1975) e também noções associadas ao campo da Estrutura Informacional (LAMBRECHT, 1994).

2.1 Princípios Básicos da Gramática de Construções Baseada no Uso

A Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) pode ser entendida como uma idealização construída a partir de um conjunto de modelos particulares de organização do conhecimento linguístico, como a Gramática de Construções Radical (CROFT, 2001) e a Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987). Esse quadro teórico representa, em alguma medida, a convergência de três modelos: a Linguística Cognitiva, a Linguística Funcional e a Gramática de Construções. Daí decorre que esse modelo apresenta quatro premissas teóricas básicas, que serão exploradas a seguir: (i) o conhecimento linguístico do falante é representado por unidades simbólicas; (ii) essas unidades simbólicas estão organizadas em rede; (iii) esse conhecimento pode ser explicado a partir de habilidades cognitivas de domínio geral; e (iv) o conhecimento subjacente é moldado pela experiência linguística.

A primeira premissa diz respeito à arquitetura do conhecimento linguístico, isto é, ao modo como esse conhecimento está organizado na mente do falante. A Gramática de Construções postula que a língua é representada mentalmente por unidades simbólicas, chamadas de construções gramaticais, que podem ser descritas como pareamentos de forma e significado. No polo da forma, ficam armazenadas as propriedades formais da construção, como, por exemplo, a sua prosódia ou a sintaxe; no polo do significado, por outro lado, ficam as propriedades semânticas e pragmáticas (em sentido amplo).

À luz dessa caracterização, conclui-se que as construções podem ser palavras, morfemas ou mesmo esquemas abstratos, como o padrão sintático [SVO]. Assim, não há necessidade de operações derivacionais, em que para criar uma sentença o falante tem que aplicar uma regra a itens lexicais. Por

exemplo, para enunciar “eu amo você”, o falante não precisa selecionar os itens “eu”, “amo” e “você” e aplicar uma regra em que o sujeito é seguido de verbo e depois o objeto o segue. Diferentemente, o falante pode acessar diretamente a construção [eu te amo]², que contém diretamente todas as informações necessárias para dar conta do uso gramatical e pragmaticamente apropriado dessa sequência. Dessa maneira, a partir dessa visão, o conhecimento linguístico do falante passa a ser percebido como um léxico de construções, o chamado *constructicon*³.

É preciso ressaltar, porém, que, segundo a GCBU, as construções que compõem o conhecimento linguístico do falante não estão simplesmente armazenadas como uma lista, mas sim estruturadas em forma de rede, o que constitui a nossa segunda premissa. Isso significa dizer que elas estão interligadas. E ainda mais importante é o fato de que essas ligações não se dão aleatoriamente, mas de acordo com certos critérios sistemáticos. Mais especificamente, temos, nos termos de Diessel (2015), os links taxonômicos e os links horizontais. Os links taxonômicos são ligações entre construções de distintos níveis de concretude/abstração. Sendo assim, pode-se dizer que as construções mais concretas são subtipos das construções mais abstratas. Por exemplo, a construção [Um bando de gente] e [Um bando de chocolate] são subtipos, isto é, especificações da construção [Um bando de X]. Já os links horizontais capturam relações presentes entre construções de mesmo nível de abstração. Desse modo, construções que compartilham alguma semelhança estrutural e/ou semântica estão ligadas entre si. Podemos dizer então que as construções [Um bando de gente] e [Um bando de chocolate] se associam por meio de um link horizontal, visto que ambas apresentam “um bando de” em sua estrutura.

A terceira premissa, que pode ser reformulada como a negação do inatismo, é uma contribuição da Linguística Cognitiva. O inatismo, defendido pela Linguística Gerativa, é a ideia de que o indivíduo apresenta uma

² A existência ou não desta construção como parte do conhecimento linguístico do falante depende, crucialmente, da frequência de exposição a ela. Esse ponto será tratado mais adiante.

³ Esse nome advém da fusão de duas palavras inglesas: *construction* (construção) + *lexicon* (léxico).

Faculdade da Linguagem inata. Isso significa que o indivíduo já nasce com um mecanismo ou uma competência exclusivamente linguística. De acordo com essa visão, o *input* é responsável pelo amadurecimento ou acionamento desse mecanismo, o que resultaria na aquisição da linguagem. Contrastante com essa ideia, a GCBU defende que o conhecimento linguístico do falante é inteiramente construído a partir do *input*.

Sob essa ótica, a construção do conhecimento linguístico se dá durante toda a vida do falante, pois o *input* o impacta continuamente. Isso porque qualquer palavra, expressão ou sequência de palavras que ocorra e seja experienciada com frequência suficiente será armazenada no *constructicon* (GOLDBERG, 2006; BYBEE, 2010). Ao se assumir isso, assume-se também a redundância da representação do conhecimento linguístico. Assim, expressões como “um monte de gente”, “um monte de lugares” e “um monte de livros”, caso sejam usadas com bastante frequência, tenderão a ser armazenadas como construções em si mesmas.

Tal armazenamento é tido como redundante porque, independentemente dele, a construção mais abstrata “um monte de X” também deverá ser postulada, já que é ela que permite ao falante produzir usos inovadores. Pode-se argumentar que o armazenamento dessa construção não apenas seria suficiente (dado que, a partir dela, o falante pode construir e usar inúmeros enunciados concretos, incluindo, por exemplo, “um monte de gente”) como resultaria em uma descrição mais econômica. No entanto, o compromisso fundamental da GCBU não é com a economia descritiva, e sim com a realidade psicológica.

2.2 Princípios Psicológicos de Organização do Conhecimento Linguístico (Goldberg 1995)

Em seu livro de 1995, *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*, Goldberg descreve a sua visão de Gramática de Construções e como essa teoria lida com a estrutura argumental. Durante essa descrição, ela postula quatro princípios psicológicos da organização do conhecimento linguístico. Nesta seção, focaremos naqueles mais relevantes

para este trabalho: o Princípio da Motivação Maximizada e o Princípio da Não Sinonímia.

O Princípio da Motivação Maximizada traduz a ideia de que se uma construção A se relaciona a uma construção B sintaticamente, então o sistema de A é motivado na medida em que se relaciona a B também semanticamente⁴. Neste trabalho, entendemos esse princípio de forma mais abrangente. Especificamente, argumentamos que A e B não precisam se relacionar *sintaticamente* – mas sim formalmente – para se relacionarem semanticamente e motivarem uma à outra. Ou seja, para nós, se duas construções compartilham alguma característica no polo da forma (não necessariamente uma propriedade *sintática*), elas devem compartilhar algum elemento no polo do significado, podendo-se afirmar, então, que uma construção motiva a outra.

Goldberg e Auwera (2012) exploram esse princípio em um artigo intitulado *This is to count as a construction*. Nele, os autores investigam as motivações das propriedades formais e semântico-pragmáticas da construção IS-TO do inglês. Alguns exemplos dessa construção, dados pelos próprios autores, são:

(4) The match is to begin at 11pm.

(5) “Arguments are to be avoided; they are always vulgar and often convincing” (Oscar Wilde). (GOLDBERG; AUWERA, 2012, p. 110)

Os autores iniciam sua exposição apresentando as propriedades que acreditam ser necessário motivar, como, por exemplo, o fato de a construção bloquear verbos copulativos em forma não-finita. Desse modo, o falante pode produzir sentenças como (4), mas não “*The match will be to begin at 11pm” ou “*The match had been to begin at 11pm”. Além disso, os autores argumentam que, nessa construção, o verbo *to be* funciona como um auxiliar, de modo que não pode ser substituído por um verbo não copulativo. Para

⁴ “The Principle of Maximized Motivation: If construction A is related to construction B syntactically, then the system of construction A is motivated to the degree that it is related to construction B semantically (cf. Haiman 1985a; Lakoff 1987). Such motivation is maximized.” (GOLDBERG, 1995, p. 67.)

confirmar isso, eles demonstram que essa construção aceita a inversão de posição entre sujeito e auxiliar e admite que o verbo seja seguido de uma negação, o que na língua inglesa são características do verbo auxiliar. Assim, é possível enunciar “Am I to be fired?” e “You are not to mess your bedroom”.

Após apresentar as propriedades da construção em pauta, os autores buscam motivá-las. Para isso, assumem que essas motivações podem ser encontradas na rede de relações que a construção estabelece com outras construções do inglês. A rede proposta por eles é a seguinte (GOLDBERG; AUWERA, 2010, p. 121):

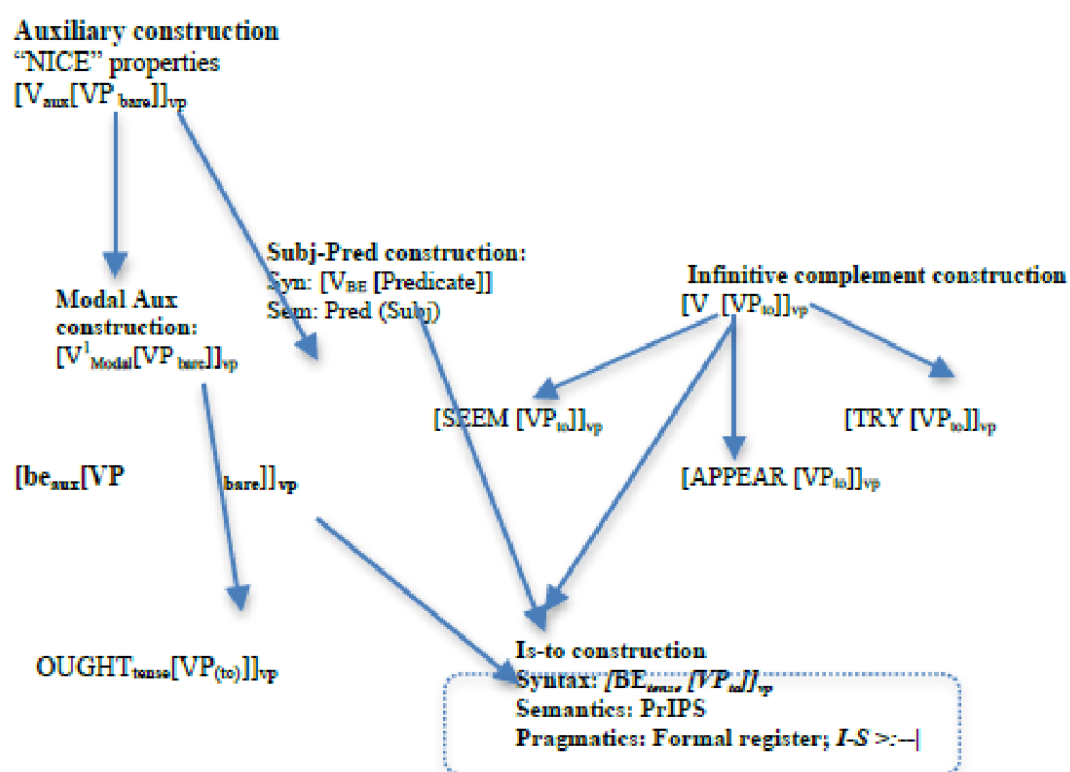


FIGURA 1 - Rede construcional de Motivação

Essa rede permite mapear as propriedades da construção IS-TO e identificar quais construções a motivam. Podemos ver, por exemplo, as construções que motivam as duas restrições que citamos acima: a *Auxiliary construction* (como em “I don’t like you”), que motiva a restrição ao uso de verbo não copulativo, e a *Infinitive complement construction* (“I want to runaway with you”), que motiva a restrição a verbos copulativos em forma não-finita. Isto é, ao observar que a construção que eles estavam descrevendo (IS-TO) apresentava duas restrições, os autores buscam construções que também

apresentam tais propriedades, para então descobrir outras conexões entre elas e mapear as relações entre as construções da língua.

O segundo princípio goldbergiano a ser tratado aqui é o Princípio da Não-Sinonímia. Ele determina que “Se duas construções são sintaticamente distintas, elas devem ser semântica ou pragmaticamente distintas”⁵. Novamente, utilizamos essa premissa de forma mais abrangente. Então, reformulamos o princípio da seguinte maneira: se duas construções são *formalmente* distintas, elas devem ser semântica ou pragmaticamente distintas.

Dessa maneira, ao analisarmos construções aparentemente sinônimas como, por exemplo, [animal] e [bicho], o princípio prevê que encontraremos distinções semântico-pragmáticas, visto que a forma delas é diferente. E, de fato, isso parece se verificar: apesar de podermos falar que um pato é um animal ou um bicho, [animal] é um termo científico e mais abrangente (por incluir ainda o ser humano), além de poder ser usado para caracterizar uma experiência radical e emocionante bem como criticar a inteligência de alguém. Por outro lado, [bicho] é um termo mais informal, que abrange o reino animal com exceção do ser humano, além de designar um jogo de azar e ter sido usado como uma gíria. Sendo assim, por mais que as duas construções sejam aparentemente intercambiáveis, elas são distintas.

Esses dois conceitos são fundamentais para este trabalho. Isso porque, ao descrever as construções em foco, conseguimos relacioná-las entre si e com outras construções do português brasileiro, ou seja, conseguimos traçar quais as construções que as motivam. Além disso, elas parecem ser intercambiáveis, o que seria uma violação do Princípio da Não-Sinonímia apresentado acima. Tais questões serão aprofundadas no capítulo 4.

⁵ “The Principle of No Synonymy: If two constructions are syntactically distinct, they must be semantically or pragmatically distinct (cf. Bolinger 1968; Haiman 1985a; Clark 1987; MacWhinney 1989).” (GOLDBERG, 1995, p. 67)

2.3 Máximas e implicaturas conversacionais

Grice (1975) postula que há um Princípio da Cooperação que rege todas as nossas trocas comunicativas, segundo o qual os interlocutores tendem a adotar um comportamento conversacional racional e cooperativo. Isso significa que o ouvinte assume que, em uma dada situação comunicativa, o seu interlocutor não está tentando ser confuso ou malicioso, nem está retendo informações relevantes para o seu entendimento. O autor formula esse princípio da seguinte maneira: “Faça sua contribuição como for exigido, na etapa na qual ela ocorre, pelo fim ou direção aceitos da troca conversacional em que você está envolvido.” (GRICE, 1989, *apud* LEVINSON, 1983).⁶ Essa conceituação se desdobra em quatro Máximas Conversacionais. Elas são: a Máxima da Qualidade, a Máxima da Quantidade, a Máxima da Relação e a Máxima do Modo.

A Máxima da Qualidade traduz a ideia de que o falante tenderá a ser o mais verdadeiro possível, não falando o que acredita ser falso nem algo para o qual não tenha evidência adequada. Então, ao nos depararmos com uma sentença como “Maria tem dois empregos”, inferimos que o falante acredita que ela tem dois empregos e que tenha evidências suficientes para afirmar isso. Esta máxima também explica o porquê de sentenças como “#Maria tem dois empregos, mas eu não acredito nisso” serem inaceitáveis.

Já a Máxima da Quantidade é associada com a informatividade da contribuição comunicativa. Especificamente, a máxima estabelece que o falante tenderá a fornecer a quantidade de informações necessária para cada momento da interação (nem mais nem menos). Por exemplo, se Felipe disser “Eu tenho cinco filhos”, infere-se que Felipe tem apenas cinco filhos, apesar de essa sentença continuar verdadeira caso ele tenha dez filhos.

A Máxima da Relação se refere ao fato de o falante fazer com que as suas contribuições sejam relevantes para o contexto comunicativo. Isso significa que, se um falante enunciar “Me passa o sal”, ele quer dizer “Me

⁶ No original “Make your contribution such as inquired, at the stage at which it occurs, by the accepted purpose or direction of the talk exchange in which you are engaged” (GRICE, 1989, *apud* LEVINSON, 1983).

passa o sal agora”, ou seja, assume-se que a sua fala é relevante no momento da sua enunciação. Outro exemplo que evidencia a existência dessa máxima é a seguinte troca comunicativa:

(6) Falante 1: Que horas são?⁷

(7) Falante 2: Bem, o lixeiro já passou.

Para que a resposta do falante 2 seja considerada lógica e relevante, temos que assumir que ela é uma resposta parcial à pergunta do falante 1. Desse modo, apesar de o falante 2 não possuir a informação, ou seja, de ele não saber que horas são, ele dá uma resposta suficiente para que o falante 1 consiga inferir um intervalo de tempo (ele entende que já é depois do horário que o lixeiro costuma passar). Sendo assim, para que o intercâmbio comunicativo tenha coerência, é necessário que haja essas inferências e, caso não houvesse a suposição de relevância, tais inferências não chegariam a ser feitas.

Por fim, há ainda a Máxima do Modo, que se relaciona com a forma do enunciado (e não exatamente com o seu conteúdo). Segundo Grice (1989), o falante tende a ser o mais claro possível, a evitar ambiguidades, a ser breve e a ser ordenado. Caso um falante troque uma simples expressão por uma paráfrase mais longa – como na troca de “Ele joga futebol” por “Ele move as pernas alternadamente e bate na bola com um dos pés” –, assume-se que há uma razão para isso, como a insinuação de que ele não joga bem. Além disso, ao ordenar uma série de eventos, assume-se que essa sequência seja a mesma dos acontecimentos, como em “O menino foi jogar futebol e fez um gol”; por essa razão, estranha-se uma sentença como “#A mulher saiu dirigindo e entrou no carro”.⁸

Entretanto, em muitas interações essas máximas parecem ser violadas. E são nessas aparentes violações que surgem as implicaturas conversacionais. Isso significa que os enunciados têm significados que vão além do que é

⁷ Adaptado de LEVINSON (1983, p.107)

⁸ Adaptado de Levinson (2000, p. 108); original: “??? The lone ranger rode to the sunset and jumped on his horse”.

falado. Então, o significado total de um enunciado é a soma do que é falado com aquilo que é implicado.

As implicaturas conversacionais são divididas em dois grandes tipos: as generalizadas e as particularizadas. As implicaturas generalizadas surgem quando, na aparente violação de uma máxima, um enunciado implica um determinado significado independentemente do contexto, ou seja, a implicatura criada a partir desse enunciado está ligada diretamente a ele, e não ao contexto em que ocorre. As implicaturas particularizadas, por outro lado, surgem quando um enunciado implica um significado que é específico ao contexto em que ele é utilizado. Para ilustrar essa diferença, Levinson (2000, p. 16-17) apresenta o mesmo enunciado, “Alguns convidados já estão indo embora”, em dois contextos distintos:

(8) Contexto 1:⁹

Falante 1: Que horas são?

Falante 2: Alguns convidados já estão indo embora.

(9) Contexto 2:

Falante 1: Cadê o João?

Falante 2: Alguns convidados já estão indo embora.

Como foi dito anteriormente, as implicaturas generalizadas independem do contexto. Desse modo, a implicatura generalizada gerada a partir do enunciado do falante 2 é igual nos dois contextos exemplificados. Isso porque o enunciado é o mesmo nos dois: “alguns convidados já estão indo embora”.

⁹ Adaptado de Levinson (2000, p. 16-17)

Essa sentença cria a implicatura de que não são todos os convidados que estão indo embora, mas apenas alguns.

Por outro lado, a implicatura particularizada muda de acordo com o contexto, de modo que difere entre o contexto 1 e o 2. Em 1, ela é criada a partir do fato de esse enunciado ser usado para responder uma pergunta relativa ao horário; isto é, trata-se da ideia de que deve estar tarde, visto que algumas pessoas já estão indo embora. Já em 2, ao invés de o enunciado em foco ser usado como resposta a uma pergunta relativa ao horário, ele é usado em resposta a uma pergunta relativa à localização de uma pessoa. Desse modo, a implicatura é a de que talvez João tenha ido embora, já que não se sabe onde ele está e algumas pessoas já estão indo embora. Sendo assim, é perceptível como a implicatura generalizada depende apenas do enunciado e se mantém igual independente do contexto, enquanto a implicatura particularizada é particular ao contexto em que se encontra.

Nesta pesquisa, busca-se usar esses conceitos para descrever e diferenciar as construções em foco. Utiliza-se principalmente a noção de implicaturas particularizadas, conforme se verá adiante.

2.4 Estrutura Informacional: proposição, pressuposição e asserção

Lambrecht (1994), em seu livro *Informational Structure and sentence form*, propõe um conceito de informação. De acordo com o autor, o ato de informar alguém a respeito de algo consiste em construir, na mente do interlocutor, uma representação mental, que é constituída de proposições. O conjunto dessas proposições forma aquilo que chamamos de *conhecimento do ouvinte*. Note-se que, sob essa ótica, a noção de informação não tem relação com o conceito de verdade: trata-se simplesmente de um significado proposicional acrescentado ao conhecimento do ouvinte, independentemente de sua validade ser ou não atestada no mundo real ou em algum mundo possível.

Para ilustrar essas ideias, Lambrecht usa a sentença “Eu finalmente conheci a mulher que se mudou para o andar de baixo” (LAMBRECHT, 1994,

p. 51). Pode-se dizer que esse enunciado é constituído por três proposições, são elas: (i) há uma mulher; (ii) ela se mudou para o andar de baixo; e (iii) o falante a conheceu. Isso porque elas contribuem para a construção da informação veiculada pela sentença. A informação veiculada por meio das proposições é composta pela combinação de dois tipos de informação, as velhas e as novas. As informações velhas são chamadas de pressuposições, enquanto as novas são as asserções.

Lambrecht ressalta que as pressuposições estão atreladas gramaticalmente ao enunciado. No exemplo dado, isso significa que as proposições (i) e (ii) são pressuposições, em que o artigo “a” e o uso da oração relativa sinalizam que essas informações já são tidas como conhecidas pelo interlocutor. Em outras palavras, a existência de um ser humano do sexo feminino e o fato de ela ter se mudado para o andar de baixo são informações que os interlocutores já compartilhavam entre si.

A asserção, por outro lado, corresponde à proposição que o ouvinte vem a conhecer ao final da interação, como resultado de ter ouvido o enunciado. Desse modo, a proposição (iii) é uma asserção, isto é, uma informação nova dada pelo falante. Isso significa que a informação que o falante quer que o ouvinte tenha como dada ao final de seu enunciado é a de que ele conheceu a mulher que se mudou para o andar de baixo.

Esses conceitos de proposição, pressuposição e asserção serão fundamentais ao longo deste trabalho. O seu uso será imprescindível na análise das três construções em foco, visto que propomos que a função comunicativa delas é a de negação enfática da proposição pressuposta no discurso.

3. Metodologia

O nosso estudo tem como base a Gramática de Construções Baseada no Uso, de modo que priorizamos trabalhar com dados reais, isto é, com o uso linguístico espontâneo. Sendo assim, optamos por coletar dados em *corpora*, que são construídos a partir de enunciados produzidos naturalmente pelo falante.

Encontramos dados no Corpus do Português¹⁰, que está disponível no link <https://www.corpusdoportugues.org/now>. Esse *corpus* foi escolhido por ser o único com cotexto extenso o suficiente para permitir uma análise qualitativa apropriada para os dados encontrados.

Nele, usamos a ferramenta Now, que apresenta dados de jornais e revistas online, desde 2012 até à atualidade, de quatro países de língua portuguesa. Por ser constituído de dados advindos de textos online e oferecer o link desses textos, esse *corpus* nos ofereceu cotexto suficiente para fazer uma análise qualitativa mais completa das ocorrências coletadas.

Para realizar as pesquisas, usamos três comandos distintos: “que mané”, “o quê” e “que nada”. Nas buscas das construções [Que X o quê] e [Que X que nada] o primeiro “que” não foi incluído no comando, pois a plataforma não permite a pesquisa de um número indefinido de palavras entre esse primeiro item das construções e as sequências pós *slot*, “o quê” e “que nada”.

Em nossas buscas foram encontradas diversas ocorrências, porém nem todas elas foram consideradas válidas. Para ser válida, a ocorrência tinha que estar escrita em português brasileiro e manifestar a construção procurada. Muitas ocorrências não se enquadraram nesses critérios, como, por exemplo:

(10) “Uma vitória tranquila do leão no dia em que Mané voltou a jogar futebol”

¹⁰ Também foram encontrados dados no Corpus Brasileiro (<https://www.linguateca.pt>); nesse *corpus*, porém, o texto de onde o dado é coletado não é mostrado em sua totalidade, o que comprometeu sua análise. Por isso, os dados coletados a partir desse *corpus* foram excluídos das nossas análises.

(11) “Em sua primeira temporada com a camisa 10 do lendário clube inglês, Mané se tornou mais agudo, direto, se aproximou da área e evolui como goleador.”¹¹

(12) “Mas se mudar, vai ser o quê?”

(13) “Os técnicos do Ministério da Economia não devem ter gostado de ter que trabalhar em pleno sábado, mas fazer o quê, né?”

(14) “Para tal, disse, a segurança nos recintos desportivos é primordial, devendo a Polícia manter sempre a ordem e tranquilidade pública, onde cada cidadão possa estar com o sentimento de que nada irá acontecer e possa ver e acompanhar os jogos com segurança.”

(15) “Claro que inicialmente o profissional vai se motivar, mas, quando ele entender que nada acontece, a situação pode ficar muito ruim.”

Como os exemplos acima não apresentam as características procuradas por nós, eles foram descartados. Os exemplos (10), (12) e (14) foram desconsiderados por não serem instâncias das construções estudadas e por não estarem em português brasileiro, mas sim em português europeu, nos dois primeiros, e em português angolano no terceiro. As conclusões relativas a qual variedade foi usada em cada exemplo não foram tiradas a partir de nossas análises, mas sim de informações referentes à própria fonte dos dados (nos casos acima, jornais).

Já os exemplos (11), (13) e (15) foram desconsiderados apenas por não serem instâncias das construções pesquisadas. Em (11), assim como em (10), “Mané” é o apelido de um jogador de futebol e não o termo que constitui a construção [Que Mané X]. Os exemplos (13) e (12) apresentam a sequência “o quê”, mas não contêm o intensificador “Que” antecedente que é uma das marcas explícitas da construção [Que X o quê]. Por fim, em (15) e (14), temos uma situação similar à do exemplo (13): aqui, embora aparentemente haja uma sequência que comparece em uma de nossas construções, é fácil observar que

¹¹ Apesar do comando usado ter sido “Que Mané”, o *corpus* retornou um resultado que não apresentava essa sequência.

a semelhança é apenas superficial, porque, diferentemente do que ocorre na construção que investigamos, o “que” é um complementizador e o “nada” desempenha função de sujeito.

Ao utilizar os comandos mencionados anteriormente (“que mané”, “o quê” e “que nada”), foram encontradas, respectivamente, 49, 6769 e 15079 ocorrências. E, ao aplicarmos os critérios já explicados, restaram apenas 11, seis e oito ocorrências válidas. Após a coleta dos dados válidos, submetemo-los a uma análise qualitativo-interpretativa e quantitativa a fim de: (i) descrever as propriedades formais e semântico-pragmáticas das construções em foco; (ii) definir as motivações por trás das propriedades formais das nossas construções; e (iii) diferenciar semântico-pragmaticamente as três construções.

4. Propriedades compartilhadas e propriedades específicas das construções

Neste capítulo, trataremos das respostas encontradas para as três perguntas que guiam esta pesquisa. A primeira se relaciona à descrição das três construções em foco: [Que Mané X], [Que X que nada] e [Que X o quê], ou seja, tentamos identificar as suas propriedades formais e semântico-pragmáticas. Já a segunda pergunta trata da motivação por trás das propriedades formais das nossas três construções. E, por fim, a terceira pergunta diz respeito às distinções semântico-pragmáticas entre elas.

4.1 Descrevendo as construções em foco

Ao assumirmos a perspectiva da Gramática de Construções Baseada no Uso, admitimos que o conhecimento linguístico do falante pode ser descrito a partir de construções gramaticais, que são pareamentos de forma e significado. Desse modo, para descrever as construções, precisamos descrever os dois polos de cada construção. Além disso, assumimos que as três construções aqui estudadas fazem parte de uma mesma família construcional, a família de construções semipreenchidas de rejeição enfática, o que nos leva a reconhecer que elas compartilham propriedades entre si. Nesta seção, focaremos nas propriedades formais e semântico-pragmáticas compartilhadas entre as construções, visto que suas diferenças serão tratadas em 4.3, com base no Princípio da Não Sinonímia.

4.1.1 O polo da forma

Ao analisarmos o polo da forma das três construções em foco, notamos que todas apresentam o item “Que” na posição inicial e uma aparente restrição a determinantes e marcadores modo-temporais. Assim, imagine as situações abaixo:

(16) Falante 1: Quero comprar um carro novo!

Falante 2: Que mané carro novo! Você não tem dinheiro nem para ir na esquina comprar um picolé!

(17) Falante 1: Quero comprar um carro novo!

Falante 2: ? Que mané um carro novo! Você tá cheio de dívidas.

(18) Falante 1: Vamos comprar um carro novo?

Falante 2: Que mané comprar um carro novo! Você quase não usou o seu carro atual!

(19) Falante 1: Vamos comprar um carro novo?

Falante 2: ? Que mané vamos comprar um carro novo! Você acabou de perder o emprego!

Nos exemplos acima, temos duas situações distintas. Em (16) e (17), o Falante 1 enuncia uma sentença em que o verbo “comprar” é seguido do determinante “um”, enquanto o Falante 2 varia a sua resposta. O uso da construção [Que Mané X] em (16) é gramatical e não apresenta o determinante após “Mané”, porém em (17) temos um enunciado que parece produzir algum grau de estranhamento em relação ao uso do determinante¹². Isso é indício de que há uma restrição quanto ao uso de determinante nessas construções.

Os exemplos (18) e (19) se diferenciam dos dois primeiros por apresentarem um enunciado em que há o marcador modo-temporal “vamos”. A presença dessa expressão também diferencia as respostas (sentenças dos Falantes 2) contidas nesses exemplos. Em (18), temos um uso gramatical da construção [Que Mané X] em que o falante completa o *slot* X apenas com “comprar um carro novo”, excluindo o “vamos”. Por outro lado, em (19) temos uma sentença cujo grau de aceitabilidade parece, pelo menos, ser inferior ao da resposta em (18) – e, aqui, o item “vamos” encabeça o *slot* X. Tal diferença indica que os marcadores modo-temporais não são bem recebidos na construção, ou seja, parece haver, em alguma medida, uma restrição para o seu uso nas construções estudadas.

Portanto, no polo da forma das construções [Que Mané X], [Que X o quê] e [Que X Que Nada], temos o elemento “Que” inicial e uma restrição a determinantes e marcadores modo-temporais. Essas são as características

¹² As intuições em relação ao uso do determinante parecem variar bastante entre os falantes do PB. As reflexões aqui apresentadas refletem a intuição da autora.

formais que são compartilhadas entre as três construções. As propriedades semântico-pragmáticas delas serão apresentadas a seguir.

4.1.2 O polo do significado

Em relação às propriedades semântico-pragmáticas das três construções em pauta, propomos aqui que seu traço mais saliente é o fato de que *devem ser usadas em contexto de réplica e desempenham a função comunicativa de negar enfaticamente uma proposição pressuposta*. Essa negação pode ser sintetizada como: [Não é verdade que X], sendo X a proposição pressuposta. Para ilustrar tal ideia vejamos alguns exemplos retirados do *corpus*:

(20) (a) Que mané Arena, estádio bonito é o Morun-tri cambada!!!!

(b) Comentário 1: Contrata o Alex do Inter.....;

Comentário 2: Alex colocaria o meio campo do São Paulo no eixo está no mercado...

Comentário 3: Que mané Alex, já temos Cueva e Lucas Fernandes... Além do Shaylon agora e o Cícero que pode atuar na criação também... Pra que mais 1?

(21) (a) Paula elogia Breno e o arquiteto diz que ela está de "migué". A empresária então afirma que não tem motivos para mentir e que não faz a linha de quem fica elogiando as pessoas. "Que 'migué' o quê? Não fico falando isso para os outros, não. Eu não ganho nada com isso, só perco no final. Quando fico enchendo a bola dos outros, a pessoa fica aí e a fila aumenta...

(b) Adrilles demonstrou ter a mesma opinião de Marco. "Segunda semana é crueldade, sim", opina o mineiro. Talita não escuta

calada: “Que crueldade o quê? Tenho que me colocar pra te poupar, meu amor? Faz parte do jogo.”

- (22) (a) Que quentinha que nada! Na galeria C da Cadeia Pública José Frederico Marques, em Benfica, que o ex-governador do Rio Sérgio Cabral divide com seus aliados, o menu é coisa fina.
- (b) Que Temer, que nada. Na noite de domingo, SBT e Rede TV! não deram nem tchuns para o pronunciamento do presidente sobre a questão dos caminhoneiros. Nem para o que estava acontecendo nas ruas ou estradas. Acharam mais importante continuar com Silvio Santos e as pegadinhas do “Encrenca”.

O exemplo (20a) foi retirado de um comentário feito em uma reportagem sobre os treinos e o jogo da seleção brasileira que ocorreriam na Arena Corinthians, que é um estádio de futebol pertencente ao clube de mesmo nome. Para analisá-lo, vale lembrar que, nos termos do Lambrecht (1994), as sequências textuais presentes vão acrescentando novas proposições ao estado de conhecimento corrente do leitor e que, no momento em que ele posta o comentário (assumindo-se que ele tenha lido antes a reportagem), ele dialoga com uma dessas proposições.

A reportagem salienta que alguns treinos serão realizados no estádio do Morumbi, porém os treinos fechados pré-jogo e o jogo contra o Paraguai acontecerão na Arena. Em outras palavras, os eventos mais importantes e significativos ocorrerão nesta última. Esse privilégio permite que o Falante 2 construa uma proposição pressuposta de que há uma hierarquia entre os dois estádios e que a Arena Corinthians é melhor ou mais digna de receber tais eventos. E é exatamente essa proposição que é negada pelo uso da construção [Que Mané X], visto que ele acredita que o Morumbi é um estádio melhor e mais digno de receber a seleção, tanto que ele faz um trocadilho entre “Morumbi” e “Morun-tri”, fazendo referência às três vezes em que o São Paulo foi campeão mundial. Isto é, propomos que o enunciado em (20a) veicula a proposição *O Morumbi é um estádio mais digno que a Arena*, ao mesmo tempo

em que essa proposição é construída como a rejeição da proposição pressuposta *A Arena é mais digna que o Morumbi*. Por fim, note-se que o próprio fato de esse ser um comentário em uma postagem na internet já sugere que o contexto em que aparece é de réplica, ou seja, de diálogo com algo que foi dito anteriormente.

O exemplo (21a) foi retirado de uma reportagem. Entretanto, nesse caso, a reportagem narra uma conversa ocorrida no reality show Big Brother Brasil. Em certo momento da narração, o autor emprega uma estrutura de discurso reportado, portanto, supostamente reproduz de forma literal uma fala dos participantes. Nela, a participante Paula elogia um outro confinado, Breno. Porém, ele parece não acreditar na sinceridade do elogio, acusando-a de estar de ‘migué’. A fim de negar tal acusação, Paula usa a construção [Que X o quê]. Vale lembrar que, a cada fala da interação, o que foi dito se torna um conhecimento compartilhado, ou seja, um pressuposto “armazenado” na mente dos participantes da interação. Desse modo, ao usar a construção de negação enfática, a participante Paula nega a proposição pressuposta de que ela está de migué.

No exemplo (22a), diferentemente dos outros, a proposição a ser negada não está explícita na sequência interacional. Entretanto, isso não significa que ele não acontece em contexto de réplica; quer dizer apenas que essa réplica ocorre em relação a uma ideia que foi explicitada anteriormente na interação. Nesse caso, o uso de [Que X que nada] ocorreu em uma reportagem sobre a alimentação de Sérgio Cabral durante sua estadia na cadeia, visto que foram encontrados queijos importados e caríssimos em sua cela. O autor inicia seu texto usando uma instância da construção, o que deixa claro que não há menção prévia à proposição a ser negada. Trata-se, em vez disso, de uma réplica negativa a um conhecimento enciclopédico compartilhado, segundo o qual pessoas encarceradas não têm refeições elaboradas ou muito boas. Em outras palavras, o fato de Cabral, um prisioneiro, consumir alimentos finos vai de encontro ao conhecimento de mundo sobre a alimentação em prisões. Desse modo, a construção é usada para negar a proposição pressuposta de que Cabral está comendo mal, com base no conhecimento compartilhado de

que prisioneiros comem mal e que Cabral agora é um prisioneiro, mostrando a realidade do ex-governador.

Como vimos, as três construções aqui analisadas aparecem em contexto de réplica, negando uma proposição pressuposta. Porém, os contextos em que elas aparecem são diversos. Especificamente, nossa análise revelou que as proposições pressupostas podem se manifestar de três maneiras: atreladas ao discurso anterior de forma explícita, atrelada ao discurso anterior de forma implicada ou baseada no conhecimento compartilhado. Para esclarecer essa proposta, vamos explorar as passagens (b) dos exemplos acima.

Em (21b), podemos observar a proposição pressuposta atrelada ao discurso anterior de forma explícita. A interação citada foi retirada de uma notícia sobre uma conversa ocorrida no reality show *Big Brother Brasil*. Nesse trecho, um dos participantes, Adrilles, concorda com outro participante sobre o fato de ser cruel dar o “monstro”, uma prenda dada para certos participantes escolhida por um participante com esse poder, duas semanas seguidas. Tal idéia é negada por Talita, a participante que designou o monstro para o participante em questão, que afirma que apenas faz parte do jogo. Desse modo, a proposição pressuposta é de que indicar novamente o mesmo participante para ser o “monstro” é crueldade, e a asserção veiculada a partir do uso da construção [Que X o quê] é a de que não é verdade que esse ato seja crueldade. Portanto, a proposição pressuposta negada pela construção está explícita no discurso anterior ao seu uso.

No exemplo (20b), temos uma proposição pressuposta atrelada ao discurso anterior de forma implicada. Para compreendermos tal ideia, precisamos relembrar alguns conceitos trabalhados anteriormente. Sabemos que o significado de um enunciado vai além do que é falado, pois existem as máximas de Grice e as implicaturas conversacionais. As máximas são a concretização do princípio de que os falantes se esforçam e agem com o intuito de tornar a interação bem sucedida. Como já vimos, essas máximas estão na base da produção de significados implícitos conhecidos como implicaturas conversacionais, que podem, adicionalmente, ser generalizadas (isto é,

independentes do contexto) ou particularizadas (isto é, específicas ao contexto em que são geradas).

O exemplo (20b) foi retirado da seção de comentários de uma reportagem de um jornal. Nela, o jornalista reporta a contratação de um atacante pelo clube de futebol São Paulo. Levando em consideração a movimentação do clube, um leitor sugere a contratação do jogador Alex, o que é aceito como uma boa ideia pelo autor do comentário 2, que complementa comentando sobre o efeito positivo que a contratação do jogador poderia trazer. Entretanto, tais ideias são refutadas no comentário 3, que revela o ceticismo do enunciador em relação à eficácia dessa possível contratação.

Aplicando as ideias de Grice a esse exemplo, podemos dizer que “Contrata o Alex”, embora não expresse uma proposição (porque realiza um comando), gera uma proposição via implicatura. Especificamente, a proposição implicada é a de que “Alex seria uma boa contratação para o clube”. Essa implicatura decorre da observação da máxima da qualidade (verdade): a lógica subjacente é a de que, se alguém dá uma sugestão, é porque a pessoa genuinamente acredita que se trata de uma boa sugestão, isto é, de uma recomendação que deve ser seguida (fazer o contrário disso, sugerindo algo em que não se acredita, seria enganar o interlocutor, o que não é um comportamento conversacional cooperativo). Assim, em (14b), o autor do comentário 1 sugere a contratação e, a partir disso, e levando-se em conta a máxima da verdade, é implicado que *a adição do Alex ao time será positiva*. Por fim, é essa proposição pressuposta, inferida graças à existência da máxima da qualidade, que é negada pelo uso da construção [Que Mané X]. Desse modo, o comentário 3 veicula a asserção de que não é verdade que o Alex seria uma contratação interessante para o clube e nega, assim, a implicatura gerada pela enunciação do comentário 1.

Por fim, em (22b), o enunciado foi retirado de uma reportagem que noticia a falta de espaço recebido por um pronunciamento do ex-presidente Michel Temer em dois canais de televisão. O uso da construção [Que X que nada] ocorre no início da reportagem, sem que houvesse qualquer sequência prévia, de modo que a proposição negada pela construção não poderia estar

atrelada ao discurso anterior, seja de forma explícita ou implicada. Nesse artigo, a proposição pressuposta é de que o discurso de Michel Temer é de grande importância e seria televisionado, o que decorre do conhecimento compartilhado de que a fala de um “presidente” é relevante e importante e, por isso, recebe atenção dos canais de televisão. A partir disso, a asserção veiculada pelo uso da construção [Que X que nada] é a de que não é verdade que os canais de televisão mostraram o pronunciamento de Temer.

Sendo assim, as três construções em foco neste estudo compartilham algumas propriedades semântico-pragmáticas. As três são utilizadas em contexto de réplica como negação de uma proposição pressuposta, que pode, por sua vez, estar vinculada ao discurso anterior (de forma explícita ou via implicatura) ou ao conhecimento compartilhado. Em seguida, iremos verificar se os princípios goldbergianos se provam verdadeiros em relação às construções aqui apresentadas.

4.2 A motivação das propriedades formais

Este estudo tem como uma de suas bases os princípios psicológicos de organização do conhecimento linguístico de Goldberg (1995), e um deles, como vimos, é o Princípio da Motivação Maximizada. Esse princípio dita que, se uma construção se relaciona a outra formalmente, então uma motiva a outra, na medida em que elas se relacionam semanticamente.

A partir disso, buscamos, por meio de nossas análises, encontrar quais outras construções motivam as três construções aqui estudadas. Espelhando-nos em Goldberg e Avera (2012), estudo já apresentado neste trabalho, construímos uma rede de construções conectando as três construções em foco com aquelas que as motivam. A rede está apresentada na figura abaixo:

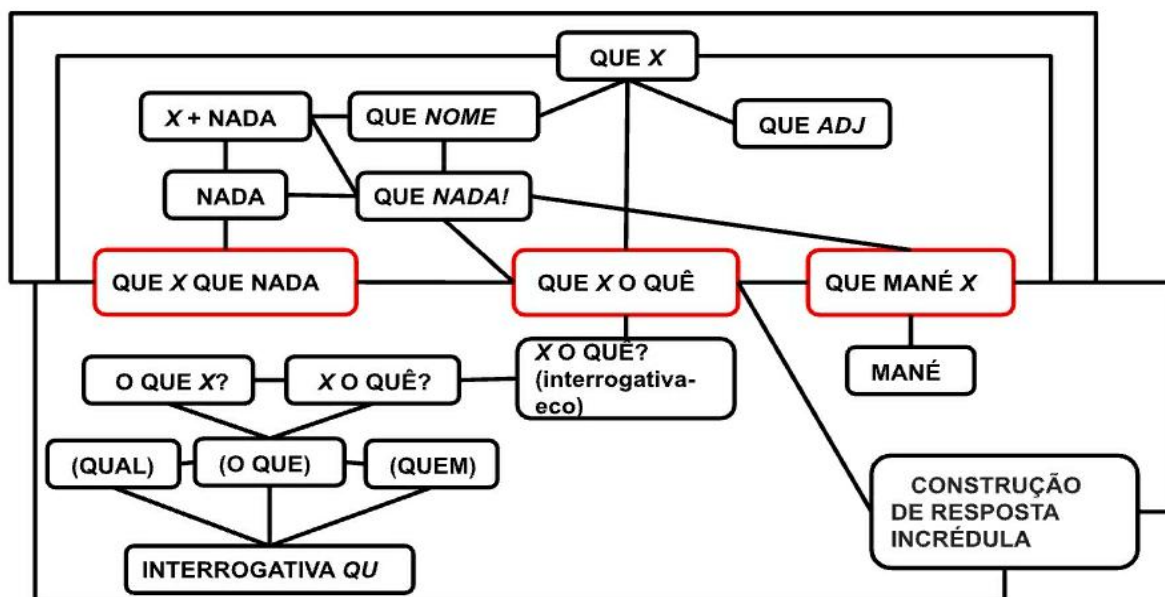


FIGURA 2 – Rede de Motivação das construções em foco

Na imagem acima, temos as construções [Que Mané X], [Que X o quê] e [Que X que nada] destacadas em vermelho. Observa-se que elas estão interligadas por linhas horizontais, o que captura o fato de que uma motiva a outra e que elas compartilham propriedades formais e semântico-pragmáticas.

Para além disso, as três estão ligadas também a uma construção mais abstrata [Que X], que licencia duas construções mais concretas: [Que Nome] e [Que Adj], como “Que mulher!” ou “Que linda!”. Ao enunciar “Que mulher!”, o falante não quer dizer apenas que aquela pessoa é uma mulher, mas sim que é uma mulher maravilhosa, incrível. O mesmo ocorre com “Que linda!”: não é o mesmo que falar “Ela é linda”; trata-se, a rigor, de um julgamento enfático.

Tal característica também é observada nas construções em foco. Ao usar “Que mané carnaval! Eu quero é dançar quadrilha”, há uma negação enfática em relação à ideia de carnaval, muito mais forte do que se fosse dito, por exemplo, “Não gosto de carnaval, prefiro Festa Junina”. Portanto, percebemos que as três construções herdam no polo da forma a palavra “Que” em posição inicial e, no polo do significado, o valor de intensificação.

Para explicar mais cuidadosamente as outras ligações presentes na rede apresentada, vamos fazer alguns recortes e tratar de cada um deles separadamente.

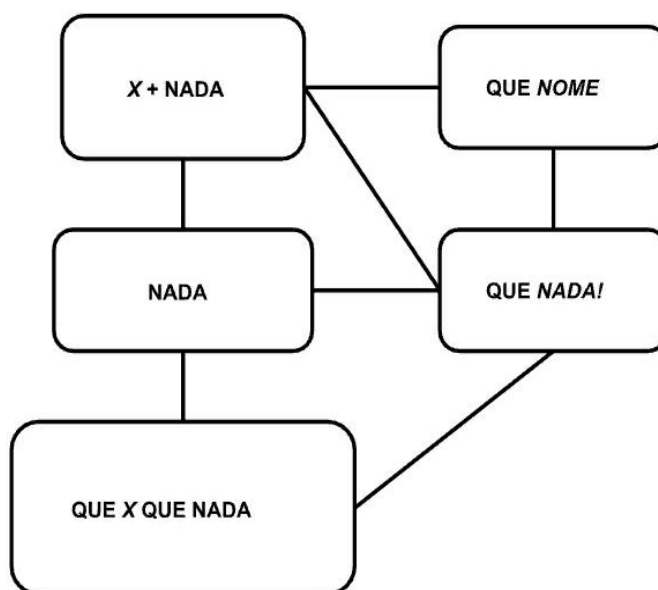


FIGURA 3 – Rede de motivação da construção [Que X que nada]

Nesta imagem, temos a construção [Que Nome], que é uma construção mais concreta ligada à construção [Que X]. No mesmo nível, temos a construção [X + Nada], em que X pode ser um nome, um verbo ou um elemento de outra classe gramatical. Por exemplo, se um falante pergunta a outro “Você vai à festa amanhã?”, esse segundo falante pode responder “Vou nada!”. Porém, seu uso em outros contextos, como no meio de uma narrativa, é pragmaticamente mal-sucedido, vejamos: “Amanhã eu combinei de ir à praia com o meu pai e depois vamos a um jogo de futebol, vou nada para a casa da minha avó. Mesmo lá tendo a melhor comida de todas”. A partir desse exemplo, fica claro que “vou nada” não é intercambiável com “não vou”: esse uso só é bem sucedido em contexto de réplica. Assim, no polo da forma, essa construção já apresenta o item “nada” e, no polo do significado, ela apresenta a ideia de negação e a especificação de que essa negação deve se dar necessariamente em contexto de réplica.

Palavras também são construções gramaticais, de modo que a construção [Nada] está ligada a todas as construções que apresentam esse item no polo da forma. No caso desta pesquisa, as construções que nos interessam e que apresentam o item “Nada” são: [Que Nada!], [X + Nada] e a mais importante entre essas, [Que X que nada]. Dessa maneira, todas elas

herdam no polo da forma o item “nada” e, no polo do significado, mais uma vez, a ideia de réplica negativa.

Em seguida, discutiremos a parte da rede que foca na construção [Que Mané X] e as suas relações:

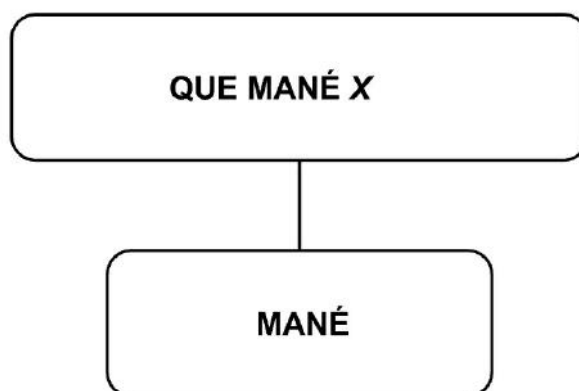


FIGURA 4 – Rede de motivação da construção [Que Mané X]

Como dito anteriormente, palavras são construções gramaticais. Desse modo, a palavra “Mané” é uma construção que nos interessa e que motiva a construção [Que Mané X]. Assim, a construção [Que Mané X] herda da construção [Mané] o item “mané” no polo da forma, e, no polo do significado, a conotação pejorativa, isto é, o valor depreciativo associado a esse termo.

A próxima construção ressaltada e analisada é a [Que X o quê], conjuntamente com as construções que a motivam, como mostra a figura a seguir:

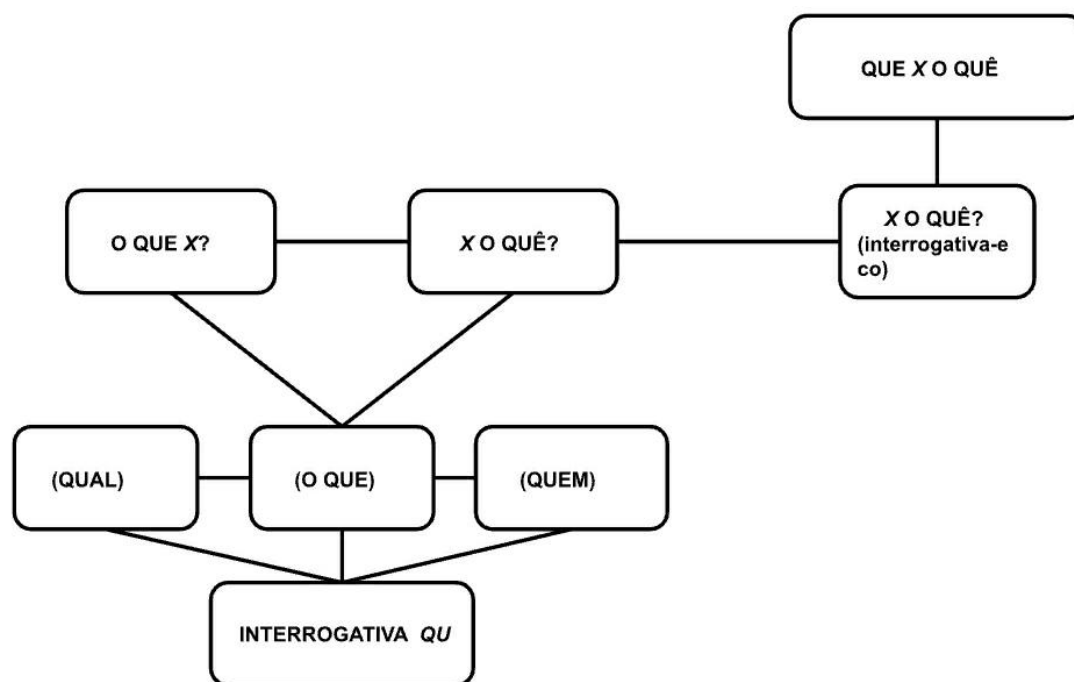


FIGURA 5 – Rede de motivação da construção [Que X o quê]

A rede que integra as construções em foco também contém a construção abstrata [Interrogativa QU], em que não há especificação da palavra *qu-* ou de sua posição na sentença interrogativa. Ela licencia outras três construções, de um nível mais baixo, que já apresentam a especificação da palavra *qu-*, mas não de sua posição na sentença. Elas são: [(Qual)], [(O Que)] e [(Quem)]. Para indicar essa indeterminação em relação à posição da palavra *qu-*, usamos, como notação arbitrária, os parênteses. Temos ainda um nível mais baixo e mais concreto dessas construções, que contém as construções [O que X?] e [X o quê?], como em “O que aconteceu?” e “Aconteceu o quê”. Nelas, já temos a especificação da posição da palavra *qu-*.

O mais interessante é que a construção [X o quê] está ligada a outra [X o quê]. Porém, essa segunda construção é uma *interrogativa-eco*. Esse tipo de construção aparece em situações como:

Falante 1: Você não sabe, eu bem matei uma pessoa ontem.

Falante 2: Você fez o quê?

Pelo exemplo, fica claro que esse tipo de *interrogativa* não é de fato uma pergunta, isto é, ela não exige resposta. O seu intuito, na verdade, é

demonstrar perplexidade, incredulidade. Sendo assim, a construção [Que X o quê] herda, no polo da forma, o item interrogativo “o quê”¹³ e, no polo do significado, a especificação relativa ao contexto de réplica e à conotação de incredulidade.

Após analisar as nossas três construções principais e as suas relações individuais, vamos olhar para uma construção comum às três:



FIGURA 6 – Rede de motivação da construção Mad Magazine

Nessa figura, temos a construção chamada de Construção de Resposta Incrédula, uma construção semelhante à uma do inglês com o mesmo nome (SZCZESNIAK, 2015). Para compreender o uso dessa construção do inglês, também conhecida como *Mad Magazine Construction* (LAMBRECHT, 1990), imagine que John não é uma pessoa vaidosa e que não costuma se arrumar; assim, quando alguém diz “John will be wearing a tuxedo tonight”, é possível responder “Him wear a tuxedo?”. Repare que a resposta não poderia ser “*Him will be wearing a tuxedo?”, o que demonstra uma restrição a marcadores modo temporais. Como se observa, a construção apresenta o sujeito no acusativo seguido por um verbo no infinitivo e aparece em contextos de resposta incrédula.

Em português, temos uma forma similar. Imagine que Pedro é muito preguiçoso, nunca faz nada em casa e alguém diz “Pedro é quem vai fazer o jantar hoje”, então você responde “Pedro fazendo comida?!”. Embora, no português, o sujeito não esteja no caso acusativo e verbo não esteja no infinitivo, mantém-se a restrição a marcadores modo-temporais, uma vez que o

¹³ Há a possibilidade dessa construção também herdar no polo da forma a prosódia de uma interrogativa, porém é necessário um estudo prosódico da mesma para verificar tal ideia.

verbo é usado no gerúndio¹⁴. Dessa maneira, as três construções aqui estudadas herdam, da construção de Resposta Incrédula, a restrição a marcadores modo-temporais no polo da forma e a ideia de réplica incrível no polo do significado.

Em suma, a partir da análise das propriedades que as três construções aqui estudadas compartilham com outras construções do português brasileiro, foi possível montar uma rede de construções, que ilustra as relações de motivação entre elas. Essas relações estão sintetizadas na tabela a seguir:

Herda as propriedades...	da construção formalmente semelhante...
Item “Que” + intensificação	QUE X
Item “Nada” + réplica negativa	X + NADA
Item “Mané” + valor pejorativo	MANÉ
Item “O Que?” + incredulidade e contexto de réplica	X O QUE?
Restrição a marcadores modo-temporais + réplica incrível	Construção de Resposta Incrédula

TABELA 1 – Síntese das relações construcionais

Agora que demonstramos o que as três construções têm em comum, vamos diferenciá-las na próxima seção.

4.3 Diferenciando as construções

Neste momento, nos propomos a diferenciar as três construções selecionadas, tendo como ponto de partida um dos princípios psicológicos da organização do conhecimento linguístico de Goldberg (1995): o Princípio da Não-Sinonímia, segundo o qual, se duas construções são formalmente distintas, elas devem ser semântica ou pragmaticamente distintas. Desse modo, Goldberg propõe que não existem sinônimos, isto é, que devem existir

¹⁴ O verbo usado nessa construção também pode estar no infinitivo, com em “Pedro fazer comida?”, o que reforça a proposta de que há uma restrição a marcadores modo-temporais na construção.

diferenças semântico-pragmáticas entre construções formalmente distintas. E são essas diferenças que vamos discutir.

Ao descrevermos as construções [Que Mané X], [Que X o quê] e [Que X que nada], notamos que elas aparecem em contexto de réplica como uma negação enfática de uma proposição pressuposta, que se manifesta de diferentes formas. E foi a partir de uma análise semântico-pragmática dessas diferentes formas de manifestação que pudemos identificar uma diferença entre as construções.

Conforme observamos acima, a proposição pressuposta pode estar atrelada ao discurso prévio de forma explícita ou implicada (neste último caso, a partir de uma implicatura generalizada), ou pode estar atrelada ao conhecimento compartilhado entre os interlocutores.

Com base nisso, elaboramos a hipótese de que os diferentes padrões da família de construções idiomáticas de rejeição enfática poderiam se especializar nas diferentes formas de manifestação do conteúdo pressuposto. A partir desse parâmetro, os dados do *corpus* podem ser distribuídos da maneira como se observa na tabela abaixo:

	Discurso Prévio		Conhecimento Compartilhado
	Explícito	Implícado	
Que Mané X	5	6	1
Que X o quê	5	1	0
Que X que nada	0	0	8

TABELA 2 – Análise dos dados coletados

Na tabela acima, colocamos os resultados das análises dos dados coletados em relação a cada construção e cada forma de manifestação da proposição pressuposta. Dos 12 dados da construção [Que Mané X], apenas

um uso teve sua proposição pressuposta atrelada ao conhecimento compartilhado. Os outros onze usos tiveram suas proposições pressupostas atreladas ao discurso prévio, sendo cinco de maneira explícita e seis de modo implicado.

Já nos dados da construção [Que X o quê], não tivemos nenhum caso de proposição pressuposta atrelado ao conhecimento compartilhado. Todos os seis dados tiveram suas pressuposições atreladas ao discurso prévio, sendo cinco de forma explícita e um de forma implicada.

E, por fim, todos os oito dados da construção [Que X que nada] tinham suas proposições pressupostas atreladas ao conhecimento compartilhado.

Sendo assim, notamos que a construção [Que X que nada] parece ter se especializado na negação enfática de proposições pressupostas pelo conhecimento compartilhado entre falantes de uma comunidade de fala, ao contrário das outras duas construções. As construções [Que Mané X] e [Que X o quê] não demonstraram diferenças numéricas relevantes o suficiente para conseguirmos diferenciá-las.

Desse modo, temos uma diferenciação parcial entre as construções. Isso pode ter ocorrido em função do tamanho reduzido da amostra ou pelo fato de termos utilizado apenas um critério de diferenciação. Porém, já consideramos como um avanço considerável na tarefa de diferenciar as construções e confirmar a validade do Princípio da Não-Sinonímia

5. Conclusão

Neste trabalho, buscamos contribuir para as discussões sobre construções idiomáticas com base na Gramática de Construções Baseada no Uso. O interesse por esse objeto foi o que deu o impulso inicial à Gramática de Construções nos Estados Unidos, nos anos 1980, e estudos dessa natureza ainda são recorrentes na língua inglesa. Sendo assim, procuramos contribuir para a expansão desses estudos no português brasileiro.

Desse modo, descrevemos as construções [Que Mané X], [Que X o quê] e [Que X que nada] a partir dos preceitos da GCBU e verificamos a validade de dois dos princípios psicológicos de organização do conhecimento linguístico da Goldberg (1995): o Princípio da Motivação Maximizada e o Princípio da Não-Sinonímia. Além disso, conseguimos diferenciar pragmaticamente a construção [Que X que nada] das outras duas construções aqui estudadas.

Como as construções são bipolares, com um polo da forma e um do significado, ao descrevê-las tivemos que apresentar as propriedades presentes em cada um deles. Dessa maneira, observamos que, no polo da forma, as três construções apresentam o elemento “Que” em posição inicial e uma aparente restrição a determinantes e marcadores modo-temporais. No polo do significado, notamos que elas aparecem em contexto de réplica com a função de rejeição enfática de uma proposição pressuposta.

Após a descrição, focamos nos princípios goldibergianos. Ao analisar a aplicação do Princípio da Motivação Maximizada, encontramos propriedades em comum com diversas construções do português brasileiro e apresentamos as ligações de herança entre elas em uma rede de construções. Em seguida, tentamos diferenciá-las, tarefa na qual tivemos sucesso parcial. As construções [Que Mané X] e [Que X o quê] não apresentaram diferenças significativas, enquanto a construção [Que X que nada] aparentemente tem seu uso especializado na negação de proposições pressupostas a partir de conhecimento compartilhado, ao contrário das outras duas, que negam proposições pressupostas presentes no discurso prévio.

Vale ressaltar que ainda há espaço para desenvolver os achados em relação à diferenciação entre as três construções. Acreditamos que a pouca quantidade de dados encontrados pode ter atrapalhado o trabalho de diferenciá-las.

Apesar do estudo de construções idiomáticas ser muito comum em inglês, elas não são estudadas tão extensivamente no português brasileiro. Além disso, as três construções aqui trabalhadas ainda não tinham sido investigadas. Assim, esta pesquisa contribui para a expansão do conhecimento sobre a rede construcional do português brasileiro.

6. Referências

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Oxford: OUP, 2001

DIESSEL, H. *Usage-based construction grammar*. In Ewa Dabrowska and Dagmar Divjak. *Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015. 295-321

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONOR, C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language*, 1988.

FILMORE, C. Syntactic Intrusions and *The notion of Construction Grammar*. *Proceedings of the Eleventh Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, p. 73-86, 1985.

GOLDBERG, A. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: Chicago University Press, 1995.

_____. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. AUWERA, J. V. de. This is to count as a construction. *Folia Linguistica*, 46, 1, p. 109-132, 2012

GRICE, H. P. *Logic and Conversation*. (1975).

KAY, P. The Kind of/Sort of Construction. *Proceedings of the Tenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, p. 157-171, 1984.

LAMBRECHT, K. *Informational structure and sentence form: topic, focus and the mental representation of referents*. Cambridge: University Press, 1994.

_____. "What, me worry?" – 'Mad Magazine Sentences' Revisited. *Proceedings of the Sixteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, p. 215-228, 1990.

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical prerequisite*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LEVINSON, Stephen C. *Pragmatics*. New York: Cambridge University Press, 1983.

LEVINSON, Stephen C. *Presumptive Meanings: The Theory of Generalized Conversational Implicature*. Language, Speech, and Communication. Massachusetts: MIT Press, 2000.

PEREK, F. *Argument structure in Usage-Based Construction Grammar: experimental and corpus-based evidence*. Amsterdam: John Benjamins, 2015.

SZCZESNIAK, K. What? Me, lie? The Form and Reading of the Incredulity Response Construction. *Construction Journal*, 1, p. 1- 13, 2015.